

Aracruz defende eucalipto integrado à Mata Atlântica

A Aracruz Celulose, que anunciou em outubro a conquista do ISO 14.000, visto até agora como um atestado de excelência na gestão ambiental, recebe hoje a visita de dois secretários de estado, o biólogo Almir Bressan, do Meio Ambiente, e o agrônomo Pedro Burnier, da Agricultura, que foi diretor da empresa. Eles vão conhecer o Projeto Microbacia, área de 286 hectares onde a empresa desenvolve há seis anos uma pesquisa inédita sobre as relações entre o eucalipto, a mata nativa e o meio ambiente.

O objetivo da Aracruz é convencer as autoridades e os técnicos estaduais que a empresa possui a tecnologia adequada para conduzir sem riscos ambientais a duplicação do plantio de eucalipto no Espírito Santo — de 175 mil hectares, hoje, para 350 mil hectares em dez anos —, visando dar sustentação ao projeto de aumento da produção de celulose em sua planta no município de Aracruz, 70 quilômetros ao norte de Vitória. A empresa, que tem capacidade de produzir 1,2 milhão de toneladas de celulose por ano, prepara-se para investir US\$ 700 milhões numa nova planta com capacidade de 700 mil toneladas por ano. Para

Empresa quer provar que possui tecnologia para conduzir sem riscos ambientais a duplicação do plantio no Espírito Santo

Geraldo Hasse, de Vitória

tanto, precisa de autorização dos órgãos ambientais para ampliar a área cultivada de eucalipto, a matéria-prima básica da celulose branqueada de fibra curta.

Esses esforços da Aracruz em favor de sua matéria-prima aparecem no momento em que diversas entidades de defesa ambiental tentam se rearticular contra a expansão da monocultura do eucalipto e exigem das autoridades medidas para combater as causas da crescente escassez de recursos hídricos na região norte do Espírito Santo. Em geral, a seca do norte capixaba é associada ao desmatamento ao longo do século XX, à destruição das matas ciliares, ao El Niño e também à monocultura do eucalipto, introduzido maciçamente no estado pela Aracruz e Cia. Vale do Rio Doce a partir de 1967. Almir Bressan, que iniciou sua carreira no movimento ambientalista do Espírito Santo, costuma dizer que não tem “nada contra” o eucalipto.

O projeto, iniciado no começo da década de 90, foi um segredo bem

guardado até o início deste semestre, quando seus resultados começaram a ser divulgados. Num folheto lançado há dois meses, a Aracruz definiu-o como “um laboratório ao ar livre para o estudo do eucalipto”. As pesquisas são conduzidas pelo agrônomo paulista Auro Campi de

Com capacidade de produzir 1,2 milhão de toneladas de celulose por ano, a Aracruz vai investir US\$ 700 milhões no projeto

Almeida, que se prepara para passar um ano na Austrália, terra natal do eucalipto, dentro do esforço de provar a entidades ambientais que, ao contrário do que se prega em fóruns agrícolas e ecológicos, o eucalipto não causa danos ao meio ambiente.

Para evitar que os resultados do projeto sejam questionados por adversários, a Aracruz firmou convênios e parcerias com várias entida-

des técnico-científicas, como o Instituto de Pesquisas Tecnológicas, Instituto de Pesquisas Espaciais, Embrapa, as escolas superiores de agricultura de Lavras, Piracicaba e Viçosa, a Funatura e a Universidade Nacional da Austrália.

Em 1992, a Aracruz possuía uma equipe de pesquisa com 62 pessoas, dirigidas pelo agrônomo Lineu Siqueira. Numa das periódicas crises do mercado mundial de celulose, a equipe foi desfeita e o projeto ficou a cargo do recém-contratado Auro Campi de Almeida. Pouco tempo depois, a empresa definiu que o manejo da microbacia devia visar principalmente dois objetivos: reunir informações sobre a produtividade do eucalipto plantado e avaliar o impacto das plantações sobre o meio ambiente. “Não estamos pesquisando o eucalipto em geral, mas o eucalipto da Aracruz, que desenvolveu um híbrido adaptado às condições ecológicas do norte do Espírito Santo e do sul da Bahia”, diz Almeida.

Nos últimos anos, a Aracruz fe-

chou o foco das pesquisas em torno do ciclo hidrológico na mata plantada (188,7 hectares) e na mata nativa vizinha (85,4 hectares). O objetivo é monitorar o regime das águas nos dois ambientes. O que animou a Aracruz a seguir adiante foi o balanço hídrico feito de outubro de 1995 a outubro 1996. Para uma precipitação pluviométrica de 1.397 milímetros, o projeto constatou uma transpiração de 1.220 mm na mata de eucalipto e de 1.122 na mata nativa; uma interceptação foliar de 114 mm no eucalipto e de 302 mm na mata nativa; e uma evaporação no solo de 87 mm no eucalipto e de 41 mm na mata nativa. O déficit hídrico final foi de 52 mm no eucalipto e de 47 mm na mata nativa. A diferença de 5 mm contra o eucalipto é irrelevante, diz Almeida, mas de qualquer maneira a pesquisa continuará até o final de 2003, quando haverá uma avaliação final do projeto. A expectativa na empresa é de que, aos poucos, pesados prós e contras, o eucalipto se liberte de preconceitos históricos e possa ser cultivado mais ou menos dentro dos atuais parâmetros técnicos, em igualdade de condições com outras plantas trazidas de fora, como o cafeeiro e o coqueiro.

Fonte	6 m
Data	5-7/11/99 pg. 16
Class.	12
Documentação	